

Da Antropologia da Educação em Portugal

1. Objecto, Teoria e Método da Antropologia da Educação

Como refere Raul Iturra (1996), a continuidade histórica de qualquer sociedade está dependente do processo educativo:

“Talvez aos leitores não tenha ocorrido ainda que a criança sabe. Quer dizer criança é um ser humano capaz de definir o real tal como esse real surge aos seus olhos e ouvidos. [...] A maior parte das sociedades, ocidentais ou em processo de transição para o desenvolvimento, ou ainda naquelas onde subsistem usos e costumes ditos primitivos, tem o cuidado de entender que os pequenos deverão ser adultos semelhantes a eles. Toda a sociedade espalhada pelo mundo cuida, considera, toma conta dos mais novos como seres que virão a reproduzir o agir social; pelo que nenhuma transgressão é aceite socialmente. Eis a ideia que domina todo o pensamento científico como o pragmático, na nossa sociedade: bom e mau comportamento, prémio e castigo, louvor ou punição, inteligência ou desentendimento, obediência ou agressividade. A criança passa a ser um objecto de preocupações: deve ser corrigida, ou socializada em instituições especificamente definidas pelo grupo social, como a iniciação, os ritos públicos, a escola, o irmão mais velho, a tia que nunca casou, os avós. A pequenada é cuidada porque é definida como o futuro do grupo” (Iturra, 1996: 9-10).

Eis, para começar, uma boa apresentação dos interesses da Antropologia da Educação: educar para assegurar a reprodução social. O processo educativo não decorre apenas da aprendizagem escolar, mas, sobretudo, da interacção das gerações heterogéneas de épocas diferentes que coexistem (real ou historicamente), durante um tempo determinado, num mesmo espaço e num mesmo tempo.

A Antropologia da Educação que aqui se defende não se cinge apenas à etnografia dos contextos educativos na escola, fora da escola, na família, nos tempos livres, etc., mas pretende, também, compreender as metamorfoses culturais que ocorrem na vida dos indivíduos em consequência das convergências e divergências dos trajectos de vida face à cultura de partida. Assume, pois, a ideia já não tanto de uma antropologia das culturas mas, antes, de uma antropologia das pessoas, elas próprias processos culturais em auto e heteroconstrução/reconstrução de si mesmas e da imagem que dão para os outros (Vieira, 2009; 2011). Por isso, há uma grande ênfase no estudo de alunos e professores através das suas biografias educativas para compreender como se tornaram naquilo que são (cf. Vieira, 1996b, 1998a, 1999^a, 2009). Nesta linha, desenvolve-se, também, uma formação reflexiva para a diversidade cultural a partir de metodologias analisadas em particular na aula e no seminário número 11 (Zeichner, 1993, Vieira, 1999a). Durante a

sua história de vida e seu processo de socialização, que pode ser mais ou menos heterogéneo conforme as esferas culturais, o indivíduo não desempenha um papel que lhe é absolutamente exterior. Nas sociedades modernas é cada vez menor o peso da sociedade na determinação das identidades. A sociedade oferece apoios que facilitam o trabalho individual de encerramento em si. A auto e a heteroformação vão a par mas, finalmente, é o Homem que se constrói a si próprio não sendo o produto do papel químico do *pattern of culture* da escola de cultura e personalidade (cf. Vieira, 1999b). Daí a importância da captação das subjectividades dos sujeitos estudados desse ponto de vista émico que já Malinowski propunha. O indivíduo *“interioriza, realmente, esquemas de pensamento e de acção. Este fragmento de sociedade interiorizada está, neste instante, no centro da sua definição mais pessoal. Os esquemas interiorizados reconfiguram o património de hábitos e as arbitragens entre redes cognitivas, tecem laços com segmentos de reflexividade social, introduzem elementos novos no trabalho ficcional do pequeno cinema. [...] O indivíduo é um processo aberto, perpetuamente evolutivo. Não cessa de interiorizar novas imagens, novos pensamentos, novos esquemas implícitos. Todos os dias, aos milhões”*. (Kaufmann, 2003: 243-244).

Ainda relativamente à deslocação de enfoques e de objectos na Antropologia em geral e na Antropologia da Educação em particular, convém também frisar que a educação não remete apenas para a escola, como veremos detalhadamente ao longo deste relatório. Se o sentido corrente da palavra Educação e as próprias Ciências da Educação, tantas vezes, remetem o ensino e a aprendizagem para o domínio das aulas e das escolas, a verdade é que a Antropologia há muito que faz notar que a escolarização dá às crianças e jovens apenas um pequeno contributo para a inculturação e construção identitária¹. *“Aprender, recordar, falar, imaginar, tudo isto é possibilitado através da construção numa cultura”* (Bruner, 2000: 11). E a criança não cai de pára-quebras na escola. A criança que chega à escola já tem todo um percurso de construção cultural que lhe dá um entendimento para a vida e uma epistemologia com a qual se senta como aluno nas cadeiras da escola (cf. Iturra, 1990a e b). *“[...] Quando falo de aprendizagem, falo da incorporação no grupo social dos novos membros que nele nascem. Esta incorporação*

¹ Note-se a colecção de livros de antropologia da educação, publicada em Portugal pela Escher e pela Fim de Século, e coordenada por Raul Iturra, que dá pelo nome de “Aprendizagem para além da escola”. Sobre esta problemática, a apresentação da colecção é notável: “o objectivo desta colecção é dar a conhecer o saber que as pessoas retiram da sua experiência social, para suplementar o que a escola não ensina: a didáctica cultural da transmissão oral das ideias que o saber letrado não incorpora no ensino”.

faz-se segundo a memória que existe já no conjunto das pessoas, e por diversas vias. É na escola que se pensa, quando se fala em aprendizagem. Todavia, a criança, o sujeito que é incorporado, já aprendeu um conjunto de princípios, distinções e técnicas, por meio das quais a memória do grupo passa a ser parte do seu conhecimento e da sua própria lembrança” (Iturra, 1990a: 51)

Eu próprio dou conta, para o contexto português, das continuidades e discontinuidades culturais entre a escola e o lar tão diversas para os diferentes alunos que frequentam a escolaridade obrigatória: *“Uma propriedade essencial da aprendizagem é que as hipóteses de sucesso são determinadas pelo saber já adquirido e disponível. Ora, se o aluno cujos conhecimentos e aptidões adquiridas no meio de que é proveniente diferem profundamente dos dinamizados na escola, terá escassa probabilidade de poder efectuar a ligação entre estes e o seu próprio saber, condição indispensável da aprendizagem. [...] Para além da diferença entre culturas orais e letradas há outras que passam por taxonomias várias: rural/urbano, identidades e peculiaridades dentro do próprio rural e urbano, diversidades étnicas, etc.. [...]” (Vieira, 1992: 134).*

Ainda a propósito de que estudar os processos educativos não é sinónimo de estudar o ensino e a aprendizagem na escola, Jerome Bruner, que tem viajado da psicologia cognitiva para a psicologia cultural e que tem assim feito uma grande aproximação à Antropologia², numa obra dedicada à cultura da educação, diz que *“ os tempos de mutação que são os nossos vêm marcados por fundas conjecturas sobre o que devem fazer as escolas em favor de quem se inscreva ou seja forçado a inscrever-se nelas – ou, na mesma ordem de ideias, sobre o que podem as escolas fazer, dada a força de outras circunstâncias. [...] Se alguma coisa tem ficado cada vez mais claro nestes debates é que a educação não tem que ver propriamente com assuntos escolares convencionais, tais como currículo, níveis ou sistemas de prova. O que resolvemos fazer na escola só*

² É o próprio Bruner que numa outra obra, “Actos de Significado” refere que “para conhecer o Homem, é necessário vê-lo sobre o pano de fundo do reino animal a partir do qual ele evoluiu, no contexto da cultura e da linguagem, que fornecem o mundo simbólico em que vive, e à luz dos processos de desenvolvimento que fazem convergir estas duas poderosas forças. Na altura estávamos convencidos de que a Psicologia não poderia fazer tudo sozinha. [...] E, no meio de tudo isto, fundou-se o “Centro de Estudos Cognitivos” [...]. Menciono-o aqui apenas para expressar uma dívida para com outra comunidade que me convenceu de que as fronteiras que separam campos como a psicologia, a antropologia, a linguística ou a filosofia eram mais questões de conveniência administrativa do que de substância intelectual” (Bruner, 1997: 15-16). Mais à frente, refere que “hoje encontram-se centros florescentes de psicologia cultural, antropologia cognitiva e interpretativa, de linguística cognitiva e, acima de tudo, um próspero empreendimento mundial que se ocupa, como nunca antes acontecera desde Kant, com a filosofia da mente e da linguagem. É, provavelmente, um sinal dos tempos que os dois indigitados para as conferências Jerusalem-Harvard no ano académico de 1989/90 representem, cada um à sua maneira, esta tradição – O Prof. Geertz na antropologia e eu na psicologia (Bruner, 1997: 16).

tem sentido quando considerado no contexto mais amplo daquilo que a sociedade pretende atingir por meio do investimento educativo dos jovens. [...] a sua tese central (do livro Educação e Cultura) é que a cultura molda a mente, que ela nos apetrecha com os instrumentos de que nos servimos para construir não só os nossos mundos, mas também as nossas reais concepções sobre nós próprios e sobre as nossas faculdades [...] A vida mental é vivida com os outros, forma-se para se comunicar e desenvolve-se com a ajuda de códigos culturais, tradições e por aí adiante. Mas isto ultrapassa o domínio da escola. A educação não ocorre apenas nas aulas, mas à volta da mesa de jantar quando os membros da família fazem o confronto de sentido de tudo o que aconteceu ao longo do dia [...] (Bruner, 2000: 9-11).

Também a “*revista europeia de etnografia da educação*”, um periódico da SEE – Sociedade Europeia de Etnografia da Educação – que foi fundada em 1999, no colóquio de Lecce (Itália)³ fala da passagem da formulação “etnografia escolar” para “etnografia da educação” para dizer que não se limitam às investigações na instituição escolar mas a todo o campo educativo entendido com fenómeno social global.

Por isso falo da educação entre a escola e o lar. Por isso digo que o sucesso e o insucesso escolar são construídos socialmente (cf. Vieira, 1992; Iturra, 1990 a e b). Por isso “*a escola tem primeiro que investigar muito a sério as categorias culturais do povo local antes de ensinar o conhecimento da burguesia que não diz respeito ao entendimento de uma mente que crê*”. (Iturra, 1990b: 97). Por isso defendo a ideia da construção de professores capazes de agir interculturalmente e de construir pedagogias interculturais (Vieira, 1995, 1996a, 1999a, 2009).

2. Breve História da Antropologia da Educação em Portugal

No início dos anos 80, a licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa incluía uma cadeira optativa de

³ A SEEE (European society of Ethnography and Education, Sociedad Europea de Etnografía De la Educación, Sociedade Europeia de Etnografia da Educação, Societá Europea di Etnografia dell' Educazione, Societé Européenne de Ethnographie de l' Education) tem como presidente honorífico Georges Lapassade (Universidade de Paris- 8, França), presidente executivo Patrick Boumard (Universidade de Haute-Bretagne, Rennes-2, França), responsável científico Fernando Sierra (Universidade de Zaragoza, Espanha), responsável das relações internacionais Jesus Maria Sousa (universidade da Madeira, Portugal). Sítio: <http://www.unizar.es/etnoedu>.

Antropologia da Educação leccionada pelo Professor Viegas Tavares⁴, que acumulava a docência com a de quadro superior do Ministério da Educação⁵.

Num artigo de 1985, Manuel José Alves Viegas Tavares resumia assim a Antropologia da Educação: *“A Antropologia da Educação analisa as relações escola/comunidade e as suas implicações no processo de enculturação dos jovens. Aplicando os métodos de pesquisa e análise de ciências afins, mas centrando-se sempre no método etnográfico de observação participante na análise dos processos educacionais, visa contribuir para a solução de problemas da prática e da política educativa”* (Tavares, 1985: 53). Viegas Tavares veio a fazer o seu doutoramento sobre o insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal⁶.

Paralelamente, o Professor Jorge Crespo desenvolvia também uma cadeira optativa de Antropologia do Jogo. De resto, como o próprio autor refere, *“Nas sociedades tradicionais, os jogos integravam-se no complexo de cerimónias cíclicas através das quais as crianças e os jovens se apropriavam da cultura das suas comunidades. Em particular, nos ciclos do Inverno e da Primavera, destacam-se os jogos que constituíam experiências fundamentais da morte e da vida, no processo cíclico de reestruturação do mundo. Nestes casos, o jogo é um dos elementos mais importante na formação das personalidades, no domínio das relações com os outros, espaço e tempo da liberdade favorável à inovação e transformação da realidade”* (Crespo, 1999: 7).

Terminada a minha licenciatura, e depois de 2 anos a ensinar Geografia e Antropologia no Ensino Secundário⁷, vim a ingressar na Escola Superior de Educação de Leiria

⁴ No ano lectivo de 1983/84 eu próprio fui seu aluno e desenvolvi para avaliação final um pequeno trabalho de pesquisa etnográfica numa escola de Lisboa com o financiamento do Ministério da Educação.

⁵ Claro que haverá sempre muitos trabalhos que podem ser considerados precursores do interesse pelo cruzamento da antropologia com a educação. Mas isso daria uma grande história que não cabe neste relatório. É, no entanto, de salientar o interesse de Adolfo Coelho (1847-1919) pelas questões da pedagogia e da antropologia: *“A Cultura Mental do Analfabetismo”*, *Boletim da Assistência Nacional aos Tuberculosos*, V: 1-19, 1910; *Cultura e Analfabetismo*, Porto: Renascença Portuguesa, 1916; *Cultura Popular e Educação*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1993, com organização e prefácio de João Leal.

⁶ TAVARES, Manuel Viegas (1998). *O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação*, Lisboa: Piaget.

⁷ Na área de Estudos Humanísticos, ramo de Jornalismo e Turismo, o Ensino Secundário os alunos tinham, obrigatoriamente, de cursar Antropologia. O programa e o manual mais divulgado era, na altura, da autoria de Augusto Mesquitela Lima, Benito Martinez e João Lopes Filho. Os professores de Antropologia Cultural, do 10º ano, não tinham habilitação própria nem formação específica em Antropologia, *“tendo sido na sua generalidade, os professores de Geografia, encarregues de a leccionar – o que nem sempre fazem com gosto, mas apenas por necessidade de complemento de horário, pois o número de aulas de Antropologia não chega para formar um horário lectivo normal de 22 horas”* (Souta, 1982: 52).

“Entretanto, a disciplina de Antropologia Cultural desapareceu com a nova reforma curricular, tendo deixado de ser leccionada em 1993/94” (Santos e Seixas, 1997: 116).

(ESEL)⁸ que tinha iniciado a sua função docente há apenas um ano. Todos os cursos de então⁹ incluíam nos seus *curricula* a disciplina de Introdução às Ciências Sociais, no 1º semestre, sendo que os cursos de Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico tinham, depois, no 1º semestre do 2º ano, Antropologia Cultural. Fui convidado a construir o programa de Antropologia Cultural e fi-lo, em 1987, com uma 2ª parte que, depois das noções operatórias básicas da Antropologia Geral e das Ciências Sociais, apontava para o estudo do processo educativo embora, na altura, confesso, não tivesse formação suficiente para ir além do culturismo americano e da escola de cultura e personalidade. Os livros obrigatórios de então, lembro-me, eram o célebre “Padrões de Cultura” de Ruth Benedict e “O conflito de Gerações” de Margaret Mead, para além do “Man and His Works” de M. Herskovits.

No ano de 1988, integrei a comissão organizadora das I Jornadas de Antropologia e Etnologia Regional, de Leiria, realizadas a 10, 11 e 12 de Novembro. A minha preocupação com o cruzamento da antropologia com a educação era de tal forma já considerável na altura que consegui que a manhã do primeiro dia fosse inteiramente dedicada ao tema da Antropologia e Educação. Foram conferencistas convidados para esta sessão, os professores Raul Iturra do ISCTE, que apresentou a conferência “A passagem da oralidade à escrita na formação do saber: o mito do insucesso escolar”, e Augusto Mesquitela Lima da FCSH – Universidade Nova de Lisboa, que apresentou a conferência “A Antropologia e o Sistema Educativo¹⁰”.

É preciso recordar que as Escolas Superiores de Educação (ESE) nasceram a partir dos Magistérios Primários que, há já alguns anos, tinham também nos currículos da formação de professores e de educadores de infância, a disciplina de Antropologia Cultural muito desenvolvida em torno da obra de Herskovits, *Man and his Works*, traduzida em edição brasileira por *Introdução à Antropologia Cultural* em 3 tomos que

⁸ No ano lectivo de 1987/88.

⁹ Poucos cursos na altura: Formação de Professores para o 1º Ciclo, Educadores de Infância, Professores do 2º Ciclo do Ensino Básico, variante de Português/Francês. Em 2008, e após o desenvolvimento de outras áreas científicas e outros cursos na ESEL, desde 1993, para além da formação de professores, como é o exemplo de RHCT – Recursos Humanos e Comunicação no Trabalho -, Turismo, CSEM – Comunicação Social e Educação Multimédia -, Serviço Social, Educação Social, Educação Social e Animação Cultural, todos eles com UC de antropologia, a escola mudou de nome e chama-se, actualmente, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) (Despacho Normativo n.º 35/2008; Novos **Estatutos** do Instituto Politécnico de **Leiria**, publicados na 2ª série do Diário da República, n.º 139, de 21 de Julho).

¹⁰ Estes textos, e os demais foram publicados nas Actas das I Jornadas de Antropologia e Etnologia Regional, dias 10, 11 e 12 de Novembro de 1988, Leiria: Escola Superior de Educação.

basicamente constituíam o manual da disciplina, um pouco por todos os Magistérios do País, numa tentativa de relativizar a mente dos futuros professores e educadores.

O corpo docente das emergentes Escolas Superiores de Educação foi alimentado, basicamente por todo o país, por professores que haviam feito os seus mestrados em Ciências da Educação, financiados por um projecto do Banco de Portugal, ora no Estados Unidos da América, na Universidade de Boston, ora em França, na Universidade de Bordéus. Os que fizeram as suas especializações em Análise Social da Educação ou em Metodologia dos Estudos Sociais são, provavelmente, os docentes que estão na origem das disciplinas de Análise Social da Educação, Sociologia da Educação e Antropologia da Educação dos currículos de formação das ESEs. Nalgumas escolas surgiu mesmo a disciplina de Sócio-Antropologia, como é o caso de Castelo Branco, leccionada por Luís Costa. Na ESE de Setúbal foi criada a disciplina de Antropologia da Educação, que funcionou pela primeira vez no ano lectivo de 1988/89, e cuja coordenação tem sido assegurada por Luís Souta, também ele Mestre em Ciências da Educação¹¹ pela Universidade de Boston. Na ESE de Leiria surgiu a Antropologia da Educação como disciplina optativa dos cursos de Formação de Professores para o 1º Ciclo e de Educadores de Infância, em 1992, sob proposta de Ricardo Vieira¹².

Outras Escolas Superiores de Educação e Universidades públicas e privadas, embora não tendo especificamente Antropologia da Educação nos seus currículos, acabam por ter algumas disciplinas viradas para a questão da educação e diversidade cultural que, inevitavelmente, não podem/devem perder a experiência da Antropologia nessas matérias, como é o caso de Carlos Cardoso e de Teresa Vasconcelos da ESE de Lisboa que apostou mais em UC temáticas, transversais e menos disciplinarizantes¹³.

Entre 1993 e 1997, a secção de Antropologia da Educação da A.P.A. – Associação Portuguesa de Antropologia -, presidida pelo professor Raul Iturra e da qual eu próprio fazia parte, reuniu várias vezes com o Ministério da Educação a propósito da habilitação própria para leccionar no Ensino Secundário e de outras saídas profissionais para os

¹¹ Luís Souta, Professor Coordenador da ESE de Setúbal, é, no entanto, licenciado em Antropologia e doutorando em Antropologia da Educação no ISCTE.

¹² Ricardo Vieira, sem qualquer grau em Ciências da Educação, desde muito cedo que orientou a Antropologia (licenciatura) para a questão da educação e da diversidade cultural e para a legitimação da Antropologia da Educação (tese de mestrado e de doutoramento) sob a orientação do Doutor Raul Iturra, Professor Catedrático do ISCTE.

¹³ Ver a este propósito a obra “Nos Bastidores da Formação: Contributo para o Conhecimento da Situação Actual da Formação de Adultos para a Diversidade em Portugal”, de Carlinda Leite, Rosa Madeira, Rosa Nunes e Rui Trindade, coordenada por Luíza Cortesão (Cortesão, 2000). O trabalho de Carlos Cardoso, professor da Escola Superior de Educação de Lisboa, é notável sobre a questão da escola e das propostas inter/multiculturais.

Antropólogos no ensino: Área-Escola, criada pelo Decreto-Lei 286/89, definida como uma área curricular não disciplinar e os TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Comunitária) criados pelo Despacho 147-B/ME/96¹⁴.

Mas é, inegavelmente, a Raul Iturra que se deve o *boom* do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal. Em 1987, Raul Iturra dava o grande pontapé de saída com o trabalho de campo com observação participante, iniciado em VilaRuiva, com Filipe Reis, Pulo Raposo, Nuno Porto e Berta Nunes. Aproveitavam o tempo livre que a escola concedia às crianças para fazerem actividades com elas a fim de compreender as suas representações sociais e conhecimento local. Assim, brincavam à família, ao hospital, à doença, etc. Compravam cadernos, papel e lápis e faziam com as crianças os trabalhos de casa. Iturra, através da metodologia das genealogias, levava os alunos a pensar a sua história, o património dos pais, terras, os animais etc.¹⁵. (cf. Iturra e Reis, 1990 e Iturra, 2000). Dessa investigação foram publicados, na colecção *A Aprendizagem Para Além da Escola*, os seguintes livros: *Fugirás à Escola Para Trabalhar a Terra: Ensaio de Antropologia Social Sobre o Insucesso Escolar* de Raul Iturra (1990a); *A Construção Social do Insucesso Escolar: Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva* de Raul Iturra (1990b); *O Corpo, a Razão, o Coração: A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva* de Nuno Porto (Porto; 1991); *Corpos, Arados e Romarias: Entre a Fé e a Razão* em Vila Ruiva de Paulo Raposo (Raposo, 1991); *Educação, Ensino e Crescimento: O Jogo Infantil e a Aprendizagem do Cálculo Económico em Vila Ruiva* de Filipe Reis (Reis, 1991); *O Saber Médico do Povo* de Berta Nunes (Nunes, 1997).

Vieram a juntar-se a estas publicações a *Escola e Aprendizagem para o Trabalho num País da (Semi)periferia Europeia* de Stephen Stoer e Helena Araújo (Stoer e Araújo, 1992); e *Entre a Escola e o Lar: O Curriculum e os Saberes da Infância* de Ricardo Vieira (Vieira, 1992).

Exploro melhor o papel de Raul Iturra no desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal no ponto seguinte: Investigação e Ensino da Antropologia da Educação no ISCTE.

¹⁴ Em 2009/10 iniciaram-se os II Teip, de que se dá conta na aula n.º 13, II parte, descrevendo algumas actividades de mediação sociocultural em contexto escolar num agrupamento escolar do concelho de Leiria.

¹⁵ Ver entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista *Arquivos da Memória* do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, n.º 6/7.

É de assinalar aqui, ainda, em termos do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal, ainda que de uma forma mais interdisciplinar, e em particular com a Sociologia da Educação, o surgimento da revista *Educação, Sociedade e Culturas*, em 1994, propriedade da *Associação de Sociologia e Antropologia da Educação*, dirigida pelo falecido professor Stephen Stoer e que, em termos de secretariado de redacção e conselho de redacção, integra vários sociólogos, cientistas da educação e antropólogos (Raul Iturra desde o primeiro número¹⁶, Ricardo Vieira, desde o segundo e, mais tarde, Filipe Reis, Paulo Raposo, Luís Souta e Amélia Frazão-Moreira). Esta revista, que tem tido um forte pendor etnográfico, saiu, no seu primeiro número, com seis artigos que abordam temas variados: “*O primeiro artigo [da autoria de Stephen Stoer] aborda a construção, possivelmente “contra-hegémónia”, do conceito do professor inter/multicultural através do campo da recontextualização pedagógica. A seguir, apresentamos dois artigos que estudam o processo de aprendizagem nas crianças como forma de produção e construção de novos saberes e poderes: enquanto o artigo de Raul Iturra ensaia ideias sobre a natureza do processo educativo, o artigo de Georges Augustin lança um olhar antropológico sobre o jogo de berlindes. O artigo de Luiza Cortesão e colaboradores apresenta uma análise das histórias contadas por crianças luso-brancas e luso-ciganas, que vivem no que é denominada «uma situação de ghetto sócio-cultural», como tentativa de aceder a uma compreensão dos seus quotidianos. Na base de um conhecimento da evolução de instituições de ensino técnico, encontramos, no artigo de Sérgio Grácio, uma proposta para um modelo explicativo dos graus de autonomia ou de heteronomia nas relações das instituições de ensino com as instituições económicas o mercado de emprego. Finalmente, Augusto Santos Silva, recusando uma visão linear e sucessiva de mudança, apresenta-nos uma reflexão crítica sobre o conceito e as teorias da mudança social*”. (Stoer, editorial do primeiro número da revista, p.5).

Com o falecimento de Steven Stoer, a “Educação, Sociedade e Culturas” sofreu várias reestruturações, sendo, neste momento, o órgão de difusão científica do CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

¹⁶ Contudo, Ricardo Vieira colaborou, particularmente, na organização da secção Diálogos sobre o Vivido, sobre a temática “sistemas de avaliação dos alunos do Ensino Básico”, conjuntamente com Telmo Caria e Ana Benavente.

3. O Desenvolvimento da Antropologia da Educação no ISCTE, Lisboa.

A Antropologia da Educação, em Portugal, em termos de investigação, emergiu, fundamentalmente, no ISCTE, como disse, pela mão de Raul Iturra que assim foi progredindo da Antropologia Económica para o estudo da aprendizagem e da transmissão cultural para além da escola e para o estudo da mente cultural e da epistemologia da criança (Iturra, *passim*).

“Este objectivo de entender a racionalidade reprodutiva tem-me levado da Antropologia Económica à Antropologia da Educação, passando, pelo meio, por criar, em conjunto com uma equipa que angariei enquanto colaborava na fundação do departamento do ISCTE, uma Antropologia Urbana, uma Antropologia do Turismo, Antropologia da Sexualidade, Antropologia do Género.

[...] Eu queria entender a racionalidade daquelas estratégias reprodutivas. Isso levou-me, por insistência de Paulo Raposo, que fez comigo trabalho de campo, ou o Filipe Reis, ou o Nuno Porto, a meter-me por uma ideia feliz daquela equipa: como é a epistemologia do lar, a epistemologia dos seres humanos, através do que é que pensam e como pensam as crianças acerca do que acontece na sua casa. Então, inventámos os ATL, os tempos livres, e, a partir das brincadeiras e jogos passámos a analisar, começámos a brincar com as crianças. As crianças vêem o mundo através dos olhos dos adultos, porque a criança não tem ainda conceitos, trata mal os conceitos. [...] As crianças entendem o mundo da forma que os pais o entendem, tanto assim que os inimigos dos pais, as crianças não entendem porquê mas são também seus inimigos”¹⁷.

“A criança não é o domínio de ninguém, é do domínio dela própria. A cultura está dividida em duas partes: a dos adultos e a da infância, só que ninguém dá por isso”¹⁸

A leccionação em cadeira autónoma viria a acontecer no ISCTE, pela primeira vez, no ano lectivo de 1994/95, mas foi precedida de muita investigação financiada pelo INIC e pela FCT e de muito debate no país e no estrangeiro.

A propósito da primeira obra da colecção *A Aprendizagem Para Além da Escola*, Pedro Silva, numa recensão bibliográfica da obra atrás citada de Stoer e Araújo (Stoer e Araújo, 1992), diz que *“o primeiro livro (Iturra, 1990a), um conjunto de ensaios, corresponde ao espraiar do pensamento teórico do autor na perspectiva da afirmação de uma Antropologia da Educação. Trata-se de um pensamento radical, elaborado*

¹⁷ Extracto de entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista Arquivos da Memória do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, n.º 6/7, p. 129.

¹⁸ Entrevista dada por Raul Iturra aos cadernos de Educação de Infância, n.º 62, Abril/Maio/Junho de 2002, p. 4.

numa linguagem não hermética, que se debruça sobre a complexa relação entre o «saber letrado» (da escola) e a «mente cultural» (rural)» (Silva, 1994: 186).

Já antes, no trabalho de campo em VilaTuxe, em 1970 e em 1974, Raul Iturra reconhece¹⁹ que, ao estudar o grupo doméstico, se começou a interessar como se aprendia a calcular na rua, no jogo, na economia doméstica etc.. As suas filhas começaram a ir à escola em VilaTuxe onde falavam galego. Em casa as línguas eram o Castelhana e o Inglês. E toda esta diversidade levava Iturra a pensar nas discontinuidades entre a casa e a escola. Embora a pesquisa aí realizada fosse centrada na vida económica, a ideia da aprendizagem para além da escola foi emergindo e viria a despertar o seu interesse pela Antropologia da Educação. Percebeu que as crianças eram educadas pela interação dentro do grupo onde vivem (cf. Iturra, 1997 e 2001).

A partir dos finais da década de 80, início de 90, Raul Iturra e a sua equipa de investigação iniciaram um conjunto de seminários fechados sobre Antropologia da Educação, à volta de temas como o insucesso escolar, a transgressão e a aprendizagem, a etnopsicanálise, o jogo e a aprendizagem, a oralidade e a escrita na aprendizagem, etc., em Portugal (Lisboa, Porto, Albergaria dos Doze, Alfândega da Fé, etc.) e em França (*Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* e no *Collège de France*) com a participação de Maurice Godelier, Marie Elizabeth Handman, Françoise Zonabend, Pierre Bourdieu, Monique de Saint Martin, François Bonvin e Bernard Lahire.

Na revisão da obra *O Saber das Crianças* (Iturra, 1996), Luís Souta, professor de Antropologia da Educação na Escola Superior de Educação de Setúbal²⁰, considera os cinco autores dos textos que compõem este livro (Raul Iturra, Amélia Frazão Moreira, Filipe Reis, Paulo Raposo, Ricardo Vieira) como uma equipa pioneira que lançou em Portugal a Antropologia da Educação. Comparando-a com os trabalhos de Antropologia da Educação americana que se tem preocupado com o sistema formal, diz que *O Saber das Crianças «trilha outros caminhos, não em torno de “problemas” mas na procura das virtualidades e potencialidades das crianças para aprenderem e entenderem o real. A sua pesquisa faz-se por isso a montante do sistema educativo, procurando compreender os mecanismos da aprendizagem informal, num processo que conduz naturalmente ao reconhecimento e valorização desses saberes.»* (Souta, 1997a: 353).

¹⁹ Dados apurados em entrevista com Raul Iturra, em sua casa, Parede, em 23 de Julho de 2004.

²⁰ Luís Souta tem dado um contributo notável ao desenvolvimento da educação multicultural e da antropologia da educação em Portugal (1991, 1992, 1993, 1997a e 1997b).

Os trabalhos iniciais de Filipe Reis e de Paulo Raposo, no ISCTE, foram fundamentais para o desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal. Ambos têm sido docentes desta cadeira optativa, no ISCTE, ao longo dos últimos 15 anos. A pesquisa de Reis, mais reflectida nos programas desta disciplina, remetia essencialmente para a problemática da oralidade/escrita/literacia centrada nas obras de Goody e Iturra, bem como nas críticas contidas nos *new literacy studies* de finais dos anos 80 e anos 90 (cf. Reis, 1995, 1996, 1997). A perspectiva educacional de Paulo Raposo sublinhava mais o estudo da aprendizagem ritual (cf. Raposo, 1991, 1996, 1999).

As pesquisas de Telmo Caria sobre culturas de escola e culturas profissionais, bem como sobre o método etnográfico (Caria, 1994, 2000, 2003), e a de Amélia Frazão Moreira sobre as classificações das crianças apreendidas do mundo adulto (Frazão-Moreira, 1994 e sobre etnobotânica (Frazão-Moreira, 2003), ambas orientadas por Raul Iturra e conducentes aos seus doutoramentos já terminados, engrossam a latitude da Antropologia da Educação que este tem feito desenvolver em Portugal.

Assumindo essa consciência e essa responsabilidade, Raul Iturra diz na Introdução ao livro *O Saber das Crianças*:

“Uma parte do grupo que comigo trabalha decidiu escrever sobre o saber das crianças. Sob a minha orientação, ao longo do tempo; e hoje sob a minha coordenação, queríamos definir processos e actividades que permitam ao leitor entender o dito saber. Começo por abordar uma forma particular de interacção entre ascendente e descendente: aquela através da qual um grupo social contextualiza ou quer contextualizar, a emotividade do mais novo para assegurar a reprodução, isto é, a continuidade histórica das pessoas sobre a terra [...].

Amélia Frazão-Moreira [...] analisa o processo de interacção que no interior de um grupo doméstico, (de uma aldeia de Trás-os-Montes), transmite saberes e contra saberes através das tarefas que constituem o trabalho doméstico (nutrição, arranjo doméstico, nas conversas sobre os amores e a afectividade, etc.). [...]

Filipe Reis [...] analisa a forma como a escola introduz as crianças na cultura escrita, a partir de uma experiência de terreno, numa aldeia da serra da Estrela. [...]

Paulo Raposo [...] regressou comigo à Beira Alta e observou os comportamentos rituais dos pequenos, colectando dados a partir dos quais foi capaz de concluir que o real é representado e manipulado pela pequenada que estamos a estudar aí.

Ricardo Vieira [...] procura explicar como o adulto de hoje é resultado do jovem e da criança que antigamente foi; esta análise é feita por meio de entrevistas e análises de histórias de vida de professores do ensino Básico” (Iturra, 1996:10 e 11).

A disciplina de Antropologia da Educação, como cadeira optativa, foi oferecida no ISCTE às licenciaturas de Antropologia, Sociologia e Psicologia Social e foi coordenada inicialmente por Raul Iturra e leccionada por este, por Filipe Reis e por Paulo Raposo, ora em colaboração conjunta, ora separadamente em termos de docência.

De ano para ano, há algumas alterações pontuais em termos da ordem e da natureza das temáticas abordadas mas, grosso modo, todos os programas abrangem o processo educativo na escola e fora da escola.

No ano lectivo de 1995/96, a disciplina envolveu convidados exteriores ao ISCTE na leccionação das aulas nº 7, 8, 9,10, 11 e 12, com os seguintes docentes e respectivos temas: Teimo Caria – problemas metodológicos e de investigação em contexto escolar; *Ricardo Vieira* – histórias de vida e biografias; Luís Souta – multiculturalismo e educação; Luís Silva Pereira – etnicidade e identidade nacional; Amélia Frazão – saberes secretos; José Veiga – A análise do jogo – tradicional/moderno.

No programa de antropologia da educação que proponho num livro recente (Vieira, 2011), mantenho a preocupação de pensar o aluno em carne viva entre duas esferas culturais e epistemológicas, a da casa e a da escola, e acrescento uma dimensão resultante duma preocupação mais pessoal, que se prende com a reflexão biográfica e a hermenêutica de si mesmo, como forma de (auto)formação, presente, de forma mais evidente, nas últimas 4 aulas deste manual. Considerando o aumento da heterogeneidade da sociedade portuguesa e da consequente multiculturalidade da escola, as temáticas da educação e diversidade cultural e da reconstrução da identidade cultural são tratadas de forma mais explícita que nesses programas que atravessaram já uma década no ISCTE (1994-2004). De igual forma, considerando o peso que os *media* têm na vida das crianças e dos jovens contemporâneos, a problemática da tradição e modernidade, local/global, mundialização da cultura, inscrevem uma mais evidente atenção ao tema da *educação e os media* e à emergência do que designo de *Homo Videns*.²¹

Para além da disciplina que integra como optativa os currículos das licenciaturas do ISCTE já mencionadas, é de assinalar, como corolário de uma basta investigação e prática de ensino no ISCTE, a criação do primeiro mestrado em Portugal de Antropologia da Educação (2003-2005), coordenado por Raul Iturra, e com a colaboração de docentes internos (Filipe Reis, Paulo Raposo e Miguel Vale de Almeida do Departamento de Antropologia Social do ISCTE) e externos (Amélia Frazão-Moreira da Universidade Nova de Lisboa, Darlinda Moreira da Universidade Aberta, Luís Souta

²¹ Título tomado de empréstimo da obra de Sartori (2000)

da ESE de Setúbal, Telmo Caria da UTAD, Ricardo Vieira da ESE de Leiria e José Catarino da ESE de Setúbal).

Referências bibliográficas

- AUGÉ, Marc (1994). [1992]. *Não - Lugares. Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, Lisboa: Bertrand.
- BASTIDE, Roger (1955). “Le Principe de Coupure et le Comportement Afro-Bresilien”, *Anais XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, S Paulo, vol. 1, pp 493-503.
- BRUNER, J. (1997). [1990]. *Actos de Significado*, Lisboa: Ed. 70.
- BRUNER, J. (2000). [1996]. *Cultura e Educação*, Lisboa: Ed. 70.
- BURNETT, J. H. (1968). “Event Description and Analysis in the Micro-Ethnography of Urban Classrooms”, in ROBERTS, J. & AKINSANYA, S. (Eds.).(1978). *Educational Patterns and Cultural Configurations*, N. Y.: David Mckay
- BURNS, A.F. (1976). “On the Ethnographic Process in Anthropology and Education”, in *Anthropology and Education Quarterly*, 7(3): 25-33.
- CARIA, Telmo (1994a). "A reforma escolar da avaliação dos alunos do ensino básico analisada no contexto da(s) cultura(s) do professor(es), in *Educação, Sociedade e Culturas*, 1.
- CARIA, Telmo (2000). *A Cultura Profissional dos Professores. O uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90*, Lisboa: Gulbenkian.
- CARIA, Telmo (2003) (Org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- CARIA, Telmo (2003). “A Construção Etnográfica do Conhecimento em Ciências Sociais: Reflexividade e Fronteiras” in CARIA, Telmo (2003) (Org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- CLIFFORD, James (2002). [1994]. *A Experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, Rio de Janeiro: UFRL.
- COELHO, Adolfo (1993). *Cultura popular e Educação*, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- COHEN, R. (1970). “Generalisations in Ethnography”, in NAVOLL, R. & COHEN, R. (eds). *A Handbook of Methods in Cultural Anthropology*, NY: Natural History Press.
- CRESPO, J. (1999). “Os Jogos da morte e da vida. A aprendizagem do Mundo” in *Arquivos da Memória, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 93-117.
- CUCHE, Denys (1999). [1996]. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa: Fim de Século.
- ERIKSON, F. (1973). “What Makes School Ethnography ‘Ethnographic?’” in *Council on Anthropology and Education Newsletter*, (2): 10-19.
- ERNY, P. (1972). *L’Enfant et son milieu en Afrique Noire. Essai sur l’ éducation traditionnelle*, Paris: Payot.
- ERNY, P. (1981a). “La famille et l’ école”, in *Les Amis des Lèvres*, nº 4.

- ERNY, Pierre (1981b). "L'éducation comme réalité sociale: points de vue d'ethnologue", in *Révue Française de Pédagogie*, 55.
- ERNY, Pierre (1981c). *Ethnologie de l' Education*, Paris: PUF.
- FORTES, M. (1938). [1914]. Social and Psychological Aspects of Education in Taleland. Supplement to Africa, 1914). Reeditado em J. Middleton (ed.), From Child to Adult: Studies in the Anthropology of Education. Garden City, NY, Natural History Press, 1970.
- FRAZÃO-MOREIRA, Amélia (1994). "Entre favas e ovelhas: categorias do mundo do adulto apreendidas pelas crianças numa aldeia do Alto Douro", in *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto: Afrontamento.
- FRAZÃO-MOREIRA, Amélia (2003). "Aprender Etnobotânica em Terras de África: Trabalho e Campo entre os Nalu da Guiné-Bissau" in CARIA, Telmo (2003) (Org.) *Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- GEERTZ, C. (1989). [1973]. *A Interpretação das Culturas*. RJ: Guanabara.
- GEERTZ, Clifford (2001). [1992]. *Nova Luz Sobre a Antropologia*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- GOODY, J. (1961). "Religion and Ritual: The Definitional Problem" in *The Journal Of Sociology*, vol 12.
- GOODY, J. (Org) (1968). *Literacy in traditional societies*, Cambridge: University Press.
- GOODY, J. (1977). "Mémoire et apprentissage dans les sociétés avec et sans écriture: la transmission du Bagré", in *l' Homme*, XVII
- GOODY, J. (1980). "Les chemins du savoir oral in Critique". *Revue generale des publications françaises et étrangères*, Paris: Edition de minuit.
- GOODY, J. (1987). [1986]. *A Lógica da Escrita na Organização da Sociedade*, Lisboa: Edições 70.
- GOODY, J. (1988). *A Domesticação do Pensamento Selvagem*, Lisboa: Edições 70.
- GUSMÃO, Neusa (1997). *Antropologia e Educação: origens de um diálogo*, Cadernos Cedes, Campinas, pp. 26-37.
- HERRIOT, R.E. (1977). "Ethnographic Case Studies in Federally Funded Multidisciplinary Policy Research: some design and implementations issues", in *Anthropology and Education Quarterly*, 8(2): 106-115.
- HERSKOVITS, M. J. (1943). "Education and cultural dynamics", in *American Journal of Sociology*, N.Y.
- HERSKOVITS, M. J. (1954). "Some Problems in Ethnography", in SPENCER, R. F. (Ed.) *Method and Perspective in Anthropology*, Minneapolis: University of Minnesota Press.
- HYMES, D. (1974). "The of Anthropology: Critical, Political and Personal", in HYMES, D. (ed) *Reiventing Anthropology*, NY: Random House, Inc.
- ITURRA, Raul e REIS, Filipe (1990). *O Jogo Infantil Numa Aldeia Portuguesa*, Guarda: Associação de Jogos Tradicionais.

- ITURRA, Raul (1990a). *Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra: Ensaios de Antropologia Social sobre o Insucesso Escolar*, Lisboa: Escher.
- ITURRA, Raul (1990b). *A Construção do Insucesso Escolar*, Lisboa: Escher.
- ITURRA, Raul (1996). “Perfil e Funções que podem ser desempenhadas pelo Antropólogo(a) no quadro dos «Territórios Educativos de Intervenção Prioritária», *Boletim APA*, nº 10, pp. 7-8.
- ITURRA, Raul (1996). (Org.) *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE.
- ITURRA, Raul (1997). *O Imaginário das Crianças: Os Silêncios da Cultura Oral*, Lisboa: Fim de Século.
- ITURRA, Raul (2000). *O Saber Sexual das Crianças. Desejo-te Porque te Amo*, Porto: Afrontamento.
- ITURRA, Raul (2001). *O Caos da Criança: Ensaios de Antropologia da Educação*, Lisboa: Livros Horizonte.
- KAUFMANN, Jean-Claude, (2003). [2001]. *Ego. Para uma Sociologia da Cultura*, Lisboa: Instituto Piaget.
- KNAP, M. S. (1981). “Ethnography in Evaluation Research: The Experimental Shools Program Studies an Some Recent Alternatives”, in RICHARDT, C. P. and COOK, T. D. (eds). *Qualitative and Quantitative Methods in Evaluation Research*, Beverly Hills, CA: Sage publications.
- KROEBER, A. (1917). “ The Superorganic” in *American Anthropologist* 19 (2), pp 163-213.
- LAHIRE, Bernard (2002). [1998]. *O Homem Plural*, S. Paulo: Ed. Vozes.
- LAPASSADE, G. (1991). *L' Ethno-Sociologie*, Paris: Méridiens Klieksieck.
- MEAD, Margaret (1970). [1969]. *O Conflito de Gerações*, Lisboa: Pub. Dom Quixote
- MEHAN, H., e WOOD, H. (1975). *The reality of ethnometodology*, N.Y.: Willey.
- NUNES, Berta (1997). *O Saber Médico do Povo*, Lisboa: Fim de Século.
- OGBU, J. (1981). “Anthropological Ethnography in Education: Some Methodological Issues, Limitations and Potencials” in GIDEONSE, H. et al (eds) *Values Imposed by the Social Sciences*, National Society of Education.
- OGBU, J. (1993) “ Etnografia Escolar: una Aproximación a nível múltiple” in MAILLO, Honorio M. Velasco; CASTAÑO, F. Javier García; RADA, Angel Díaz de Rada (1993). *Lecturas de Antropologia para Educadores*, Madrid: Ed. Trotta
- PELLISSIER, Catherine (1991). "The Anthropology of Teaching and Learning" in *Annual Review Of Anthropology* (20), pp. 75-95.
- PELTO, P. e PELTO, G. (1977). *Anthropological Research: The Structure of Inquiry*. NY: Harcourt Brace.
- PINA CABRAL, João de (2003). “Identidades Inseridas: Algumas Divagações sobre Identidade, Emoção e Ética in [wp2-2003[1].pdf], <http://www.ics.ul.pt/publicações/workingpapers/index.htm>.
- PORTO, Nuno (1991). *O corpo, a Razão, o Coração: A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva*, Lisboa: Escher.

- RAPOSO, Paulo (1991). *Corpos Arados e Romarias*, Lisboa: Escher.
- RAPOSO, Paulo (1996). "Diálogos com os Santos: performance, dramaturgia e aprendizagem ritual" in ITURRA, R. (Org.). *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE.
- RAPOSO, Paulo (1991). "Os usos sociais do humor em contexto escolar" in *Educação e Ensino*, Ano 10, n.º 20, Maio-Junho, Dossier Humor na Educação, Setúbal: ESES.
- REIS, Filipe, (1995). "A domesticação escolar do pensamento infantil: perspectivas teóricas para a análise das práticas escolares", in *Educação, Sociedade e Culturas*, n.º3.
- REIS, Filipe (1996). "Oralidade e escrita na escola primária: programas e práticas", in ITURRA, R. (Org.). *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE.
- REIS, Filipe (1997). "Da Antropologia da Escrita à Literacia. Algumas Reflexões sobre o Estudo Nacional de Literacia", in *Educação, Sociedade e Culturas*, n.º8.
- RIST, R.C. (1975). "Ethnographic Techniques and the study of an urban school", *Urban Education*, 10 (1): 86-108.
- SALOME, F.A. (1979). "Epistemological Implications of Fieldwork and their Consequences", in *American Anthropologist*, 81(1): 46-60.
- SANDAY, P.R. (1976). "Emerging Methodological Developments for Research Design, Data Collection and Data Analysis in Anthropology and Education", in CALHOUN, C.J. & IANNI, F.A.J. (eds.). *The Anthropological Study of Education*, The Hague: Mouton and Company.
- SANTOS, Paula Mota e SEIXAS, Paulo Castro (1997). "A Antropologia na Educação: Abertura Antropológica sem Antropólogos", *Antropológicas*, n.º 1, pp. 113-127.
- SARTORI, Giovanni (2000). [1997]. *Homo Videns: Televisão e Pós-pensamento*, Lisboa: Teorema.
- SILVA, Pedro (1994). "Recensão à obra de STOER, S. e ARAÚJO, H. (1991). *Escola e Aprendizagem para o Trabalho*, Lisboa: Escher, in *Educação, Sociedade e Culturas*, Porto: Afrontamento.
- SOUTA, Luís (1982). "O Ensino da Antropologia", *Gerontologia*, vol. 4, n.º 14, pp. 54-59.
- SOUTA, Luís (1991). "A educação multicultural" in *Inovação*, n.º 2-3.
- SOUTA, Luís (1992). "Educação multicultural - um imperativo dos nossos dias" in *Educação. Ensino*, 4.
- SOUTA, L. e MARQUES, R. (1993). "Escola, família, nota de abertura" in *Educação e Ensino*, ano 5, 7.
- SOUTA, Luís (1997a). "Recensão à obra de Iturra, Raul (org). (1996) *O saber das Crianças*, Setúbal: Cadernos ICE, n.º 3.
- SOUTA, Luís, (1997b). *Multiculturalidade & Educação*, Porto: Profedições.

- SPERBER, Dan (1992). *O Saber dos Antropólogos*, Lisboa: Edições 70.
- SPINDLER, G.D. (ed.) (1971). *Being an Anthropologist: Fieldwork in Eleven Cultures*, NY: Holt,Reinehart and Winston.
- SPINDLER, G. e SPINDLER L. (1982). *Doing the Ethnography of Schooling*, New York/Chicago/ Holt: Rinehart and Winston.
- SPINDLER, George (1993) "La transmisión de la cultura" in MAILLO, Honorio M. Velasco; CASTAÑO, F. Javier García; RADA, Angel Díaz de Rada (1993). *Lecturas de Antropología para Educadores*, Madrid: Ed. Trotta.
- SPRADLEY, J. (1979). *The Ethnographic Interview*, New York: Reinehart and Winston.
- SPRADLEY, J. (1980). *Participant Observation*, New York, Holt: Reinehart and Winston.
- STOCKING, George W. Jr (1993). "La magia del etnógrafo. El Trabajo de Campo en la Antropología Británica desde Tylor a Malinowski" in MAILLO, Honorio M. Velasco; CASTAÑO, F. Javier García; RADA, Angel Díaz de Rada (1993). *Lecturas de Antropología para Educadores*, Madrid: Ed. Trotta.
- STOER, Stephen e ARAUJO, Helena, C. (1992). *Escola e Aprendizagem para o Trabalho*, Lisboa: Pub. Escher.
- STOER, Stephen R. (1994) (dir.). *Revista de Educação, Sociedade e Culturas*, 1.
- TAVARES, Manuel J., (1985). "Antropologia da educação", in *Antropologia Portuguesa*, vol.3.
- TAVARES, Manuel Viegas (1998). *O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação*, Lisboa: Piaget.
- TYLOR Edward Burnett (1889) [1881]. *Anthropology: Na Introduction to the Study of Man and Civilization*, London: Macmillan and Co.
- VIEIRA, Ricardo (1992). *Entre a Escola e o Lar*, Lisboa: Escher.
- VIEIRA, Ricardo (1995). "Mentalidades, Escola e Pedagogia Intercultural" *Revista de Educação, Sociedade e Culturas*, 4.
- VIEIRA, Ricardo (1996a). "Da Infância à Adulthood: O Reconhecimento da Diversidade e a Aprendizagem da Interculturalidade" in ITURRA, Raul (Org.), *O Saber das Crianças*, Setúbal: ICE.
- VIEIRA, Ricardo (1998a). "Histórias de vida e etnografia na análise das representações e práticas dos professores", in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 38.
- VIEIRA, Ricardo (1999a). *Histórias de Vida e Identidades: Professores e Interculturalidade*, Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (1999b). *Ser Igual, ser diferente, Encruzilhadas da Identidade*, Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (2009). *Identidades Pessoais: interações, campos de possibilidade e metamorfoses culturais*, Lisboa: Colibri.

- WAX, R.H. (1971). *Doing Fieldwork: Warnings and Advice*, Chicago: University of Chicago Press.
- WHITING, B. B. (ed.). (1963). *Child Rearing in Six Cultures*, N.Y.:John Wiley & Sons, Inc.
- WHITING, B. B. & WHITING, J. (1975). *Children of Six Cultures: A Psycho Analysis*, Cambridge, MA:Harvard University Press.
- WILCOX; K.(1978). *Schooling and Socialization for Work Roles*, Harvard Univerity, Cambrige: Mass.
- WILCOX, kathleen, (1993) “ La Etnografía Como Una Metodología E Su Aplicación Al Estudio De La Escuela: Una Revisión” in MAILLO, Honorio M. Velasco; CASTAÑO, F. Javier García; RADA, Angel Díaz de Rada (1993). *Lecturas de Antropología para Educadores*, Madrid: Ed. Trotta.
- WILSON, S. (1977). “The use of Ethnografic Techniques in Educational Research”, in *Review of Educational Research*, 47(1): 245-265.
- WOLCOTT, H. (1975a). *Ethnographic Approaches to Research in Education: A Bibliography on Method*. Anthropology Project Publication nº 75-1. Athens: University of Giorgia.
- WOLCOTT, H. (1975b). "Criteria for an ethnographic approach to research in schools", in *Human Organization*, 34(2): 111-127.
- WOODS, Peter (1987). [1986]. *La Escuela Por Dentro*, Barcelona: Ed. Paidós.
- WOODS, Peter (1990). *L'Ethnographie de l' Ecole*, Paris: Armand Colin.
- WOODS, Peter (1991). "Aspectos sociais da criatividade do professor" in NÓVOA, A. (Org.), *Profissão Professor*, Porto: Porto Editora.
- ZANTEN, HENRIOT-VAN, A. (1975). "L' école en milieu rural: réalités et représentations" in *Révue Française de Pédagogie*, 73.
- ZANTEN, HENRIOT-VAN, A.; (1987). "Ethnologie de l' éducation" in *L' année Sociologique*, 37.
- ZANTEN, HENRIOT-VAN, A. e ANDERSON-LEVITT, K. (1992a). "L' Anthropologie de l' éducation aux États-Unis: méthodes, théories et applications d' une discipline en évolution", in *Révue Française de Pédagogie*, 101.
- ZANTEN, HENRIOT-VAN, A.; ANDERSON-LEVITT, K. (1992b). "Etudes ethnographiques de la scolarisation des enfants d' immigrés" in *Revue Française de Pédagogie*, 101.